

## **PARASITOSE CAUSA PREJUÍZOS NA ESTRUTIOCULTURA**

**Ana Lúcia Luz Alberti**

Med. Vet., Ms., PqC do Polo Regional Alta Sorocabana/APTA

[albertivet@apta.sp.gov.br](mailto:albertivet@apta.sp.gov.br)

**Carlos Noriyuki Kaneto**

Depto de Apoio, Produção e Saúde Animal - UNESP - Araçatuba

A estrutiocultura, assim denominada a exploração zootécnica do avestruz (*Struthio camelus* Linnaeus, 1758), começou a ser comercialmente explorada no início do século XIX na África do Sul. As criações, em sistemas extensivos e sem abate de animais, eram direcionadas exclusivamente à obtenção de plumas, realizando-se duas colheitas por ano.

A partir da década de 80, em decorrência da valorização da carne e do couro, a atividade teve o seu desenvolvimento dinamizado e, na atualidade, encontra-se expressivamente presente em diversos países além da África do Sul, como Canadá, Estados Unidos, Austrália, Espanha, Itália e França. Estima-se que o rebanho mundial explorado zootecnicamente esteja ao redor dos 4 milhões de aves (Figura 1).



**Figura 1.** Pastejo de avestruz em campo aberto

No Brasil, o estabelecimento de criatórios iniciou-se a partir de 1995 com a importação de reprodutores africanos, australianos e americanos, e embora seja uma atividade pecuária recente, o país já alberga um rebanho de cerca de 200 mil aves distribuídas em várias regiões (ACAB, 2007).

A maioria dos criatórios estruturados está concentrada no Estado de São Paulo, porém, o interesse pela estruturicultura é crescente em todo o país, sendo impulsionado e alavancado pelas características de rusticidade do animal, da sua adaptabilidade às condições ambientais brasileiras, além da disponibilidade de alimentos, mão-de-obra e infra-estrutura pecuária passível de fácil adaptação à atividade. A reclassificação do avestruz de ave exótica para ave de produção zootécnica por parte do IBAMA em 2002 colaborou para o fortalecimento do setor que estima atingir sua plena industrialização nos próximos três anos (ACAB, 2007).

Todo esse processo, porém, requer o desenvolvimento e utilização de sistemas criatórios intensivos ou semi-intensivos. A exigência de novas técnicas de manejo e equipamentos para suportar esse avanço tecnológico, entretanto, gera situações de estresse inerentes à adaptação desses animais e predispõem as aves à ocorrência de afecções patológicas de natureza variada.

O simples aumento da densidade populacional, exigido pela criação industrial, faz aumentar, significativamente, as possibilidades de infecções assim como os riscos de transmissão de agentes patogênicos de uma ave doente para outras sadias, especialmente os parasitos.

Na literatura mundial existe pouca informação disponível a respeito da ocorrência, importância econômica, controle e tratamento dos parasitos que infectam o avestruz, mas, dentre as citações a respeito, os helmintos do trato digestivo situam-se entre os mais importantes, tendo sua disseminação favorecida pelo hábito coprofágico dessas aves.

Nos países onde a estruturicultura tem importância econômica, nematóides do gênero *Libyostrongylus*, têm sido observados associados a casos de óbitos tanto em aves aparentemente sadias como em aves com sinais clínicos marcantes, despertando grande preocupação.

No Brasil, o primeiro relato de ocorrência do *Libyostrongylus sp.* foi feito por Gomes et al. (2002) na região norte do Estado de São Paulo. Em seguida o verme teve sua ocorrência também assinalada na região norte do Estado do Rio de Janeiro por Bonadiman et al.

(2006) que observaram ovos e larvas infectantes em exames coprológicos. Nesse mesmo ano, sua presença associada à mortalidade de aves adultas com lesões típicas comprovadas por necropsia foi relatada por Kaneto et al. (2006) que isolaram e caracterizaram suas formas adultas.

As infecções por *Libyostrongylus sp.* podem provocar anorexia, debilidade, anemia e morte das aves. Patologicamente, aves infectadas podem desenvolver ascite (acúmulo anormal de líquido no abdome) e uma proventriculite com impactação do proventrículo e da moela assim como uma infecção secundária de natureza bacteriana ou micótica no trato gastrointestinal. (Malan et al., 1988; Huchzermeyer, 1998; Jansson e Christenson, 2000).

Não se conhece a prevalência da libiostrongilose no Brasil, mas a parasitose pode estar disseminada devido à comercialização e transporte de animais de uma propriedade a outra, a exemplo do que ocorreu na Austrália, onde More et al. (1996) consideraram que a disseminação naquele país foi facilitada pelo transporte de aves e a ausência de medidas profiláticas e de controle, como a quarentena e a utilização de antiparasitários.

De acordo com Barton e Seward (1993) aves submetidas à quarentena devem ser examinadas na chegada à propriedade e reexaminadas cinco semanas após, para serem liberadas e introduzidas ao plantel. As aves positivas no exame parasitológico devem ser medicadas e reexaminadas após cinco semanas, sendo então liberadas caso apresentem resultado negativo ao exame.

## Referências

ACAB (Associação dos Criadores de Avestruz do Brasil), 2007. Disponível em <<http://www.acab.org.br/>> acesso em fevereiro de 2007.

BARTON, N.J.; SEWARD, D.A. Detection of *Libyostrongylus douglassii* in ostriches in Australia, **Aust. Vet. J.**, v. 70, p. 31–32, 1993.

BONADIMAN, S.F.; EDERLI, N.B.; SOARES, A.K.P.; et al. Occurrence of *Libyostrongylus sp.* (Nematoda) in ostriches (*Struthio camelus* Linnaeus, 1758) from the north region of the state of Rio de Janeiro, Brazil. **Vet. Parasitol.**, v.137, p. 175-179, 2006.

GOMES, R.A.; NASCIMENTO, A.A.; BONUTI, M.R.; et al. Ocorrência de *Libyostrongylus sp.* (Nematoda: *Trichostrongyloidea*) em avestruzes (*Struthio camelus*) no estado de São Paulo,

Brazil, *XII Congresso Brasileiro de Parasitologia Veterinária* Rio de Janeiro, RJ CD-ROM. p. 313, 2002.

HUCHZERMEYER, F.W. **Doenças de avestruzes e outras ratitas**. Funep, Jaboticabal, São Paulo, 2000, p.392.

JANSSON, D.S.; CHRISTENSSON, D. Gastrointestinala parasiter hos strutsfaglar i Sverige. **Svensk Veterinar Tidning**, v.52 p. 621–626, 2000.

KANETO, C.N.; LOURENÇO, A.T.A.; MEIRELES, M.V.; *et al.* *Libyostrongylus douglassii* (Nematoda: Trichostrongyloidea) em avestruzes (*Struthio camelus*) na região noroeste do Estado de São Paulo. *XIV Congresso Brasileiro de Parasitologia Veterinária* Ribeirão Preto, SP. **Anais...**p. 269, 2006.

MALAN, F.S.; GRUS, N.A.; ROPER, N.A.; *et al.* Resistance of *Libyostrongylus douglasii* in ostriches to levamisole. *J. South Afr. Vet. Ass.* V. 59, p. 2002-2003, 1988.

MORE , S.J. The performance of farmed ostrich hens in eastern Australia. *Preventive Veterinary Medicine*, v. 29, p. 107-120, 1996.